

Communicationes nº 301

09/08/2015

Número especial

Santa Teresa Benedita da Cruz

Elaborado por Padre Ezequial García Rojo, OCD

O peso da inteligência em Edith Stein

Estamos diante de uma pessoa de grande inteligência, reflexiva, inquieta e buscadora por natureza – característica que transparecerá inevitavelmente em seu discurso. Daí vem que sua experiência religiosa tenha estreita relação com sua fleuma de mulher pensadora, de filósofa. Em sua biografia, a escolha pela filosofia aparece em 1911 (quando tem 20 anos); muito antes, no entanto, a filosofia apoderara-se dela, pois sempre se sentira atraída por essa forma de saber, que nela configurará uma forma de viver, um jeito de ser e situar-se no mundo.

Edith Stein é filósofa por natureza, não podendo agir de outro modo. A preferência por ater-se ao essencial, contentar-se com o necessário, o gosto pelos horizontes amplos, a aposta decidida na verdade, a categoria de totalidade testemunham o precoce afincamento filosófico nessa mulher. Comentando o processo de conversão à Igreja Católica, confessa: “Talvez, na exposição de meu caminho, não tenha deixado claro o papel que o intelectual exerceu. Mas ele contribuiu decisivamente durante o longo tempo de preparação”. Não poderia ser de outro modo. Depois de tudo, foram as leituras que marcaram o caminho de Edith em direção à Fenomenologia – as *Investigações Lógicas* de Husserl – e ao catolicismo – a *Vida* de Santa Teresa de Jesus.

A atração da verdade em Edith Stein

Poder-se-ia dizer que, mais que buscar a verdade, Edith sucumbiu à sedução que – desde muito pequena – a verdade exercia sobre ela. A busca da verdade – sobre si e sobre cada ser humano –, à qual consagrará boa parte de seus esforços intelectuais, finalmente se identificará

com a busca de Deus, o que lhe dificultará a catalogação de seu pensamento. A inteira produção da Edith Stein cristã dá testemunho desse processo.

Deixou escrito em uma meditação de 1940, com ressonâncias agostinianas: “Deus é a Verdade e quer deixar-Se encontrar por todos aqueles que O buscam de todo coração”. Tal convicção persistirá até a última obra, seu testamento espiritual: “Aquele que procura a verdade vive de preferência nesse centro interior onde tem lugar a atividade encantadora do entendimento; se alguém trata de buscar seriamente a verdade (e não de acumular meros conhecimentos isolados), talvez esteja mais perto de Deus do que imagina, mais próximo desse Deus que é a própria Verdade e, por isso mesmo, mais próximo do próprio centro”. Não foi em vão que Edith Stein qualificou o ser humano como *buscador de Deus*. Insistirá: “A pergunta acerca desse ser, a busca de Deus, pertence ao ser do homem”.

Movida também pelo espírito aberto, ecumênico, que a caracterizou, não tem dificuldade em associar a busca de outros valores a possíveis experiências de Deus. A carmelita judia, em seu último escrito, admite sem escrúpulos: “Quem busca sinceramente o bem, isto é, aquele que está pronto a fazê-lo a todo momento, já fez a sua escolha e colocou Sua vontade na vontade divina, mesmo que não tenha consciência de que o bem se identifica com aquilo que Deus quer”. Talvez o mais eloquente texto de matiz intelectual que preside toda experiência religiosa seja o que achamos na carta que Edith Stein escreve à amiga religiosa encarregada de cuidar do velho professor Edmund Husserl, cuja morte parece iminente: “Não sinto preocupação alguma por meu querido mestre. Estive sempre muito longe de pensar que a misericórdia de Deus se reduzisse às fronteiras da Igreja visível. Deus é a verdade. Quem busca a verdade busca a Deus, tenha ou não consciência disso”.

Deus conduz cada um por seu caminho

Assim como cada sujeito é único, assim o são suas vivências religiosas. Seguindo a lógica correta, aproximar-se de Deus terá também a marca da singularidade. Advertiu o amigo filósofo Roman Ingarden ao escrever-lhe: “Ficou muito claro que não tentei apresentar meu caminho como **o caminho**. Estou profundamente convencida de que há tantos caminhos que levam a Roma quanto há cabeças e corações humanos”.

Edith Stein situa a explicação concernente à abundância de caminhos em outro contexto; está convencida do protagonismo divino em toda experiência de fé, assim como da originalidade de seu proceder, como transmite a uma amiga: “Deus leva cada um por seu próprio caminho e um chega mais fácil e mais rápido à meta que outro”.

É a constatação de que, por trás de tais afirmações, está a influência dos grandes místicos carmelitas, que a convertida judia admira de modo especial. No *Caminho de Perfeição* de Santa Teresa pôde ler com satisfação: “Aqui não se pretende ter outra consolação, há diferentes caminhos pelos quais nos leva Deus e um confessor forçosamente não há de conhecer todos”. Via tal diagnóstico confirmado igualmente pelo magistério de São João da Cruz: “Porque a cada uma [alma] leva Deus por diferentes caminhos e quase não se achará um espírito cujo modo convenha a outrem”. Em sua concepção pedagógica, a atenção e o cultivo da individualidade ocupam lugar de destaque.